

METODOLOGIA COLETIVA DE AÇÕES PARTICIPATIVAS: trocas de experiências e saberes camponês como elementos fundamentais para a construção da rede de agroecologia do Noroeste do Paraná

Adélia Aparecida de Souza Haracenko¹
Débora Pereira Molinari²
Sandra Mara de Oliveira Soares Escher³

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro...

João Cabral de Melo Neto⁴

Resumo

O presente texto tem como foco de discussão a metodologia utilizada durante as etapas de desenvolvimento de projetos de pesquisa e extensão realizados na região Noroeste do Paraná, vinculados ao Programa Universidade Sem Fronteiras da Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Estado do Paraná - SETI, os quais tem como título balizador “A Geografia das lutas no campo”, tendo em vista que estes projetos, encontram na ciência geográfica o seu suporte de análise. Passando por três fases, eles tem se dedicado à criação, consolidação e manutenção da rede de agroecologia nos assentamentos da região abordada. O objetivo tem sido o fortalecimento da cooperação agrícola camponesa e, o intuito deste ensaio é demonstrar como a metodologia de trabalho -que tem se pautado na coletividade de ações participativas envolvendo as trocas de experiências e saberes camponês evidenciando a ajuda mútua -tem sido um elemento fundamental tanto para a construção da rede de agroecologia, quanto tem contribuído para que a mesma tenha êxito no contexto regional.

Palavras-chave: Metodologia coletiva e ações participativas. Rede de Agroecologia. Ajuda Mútua. Noroeste do Paraná.

Introdução

Este texto é um ensaio sobre a metodologia trabalhada durante as etapas de desenvolvimento de projetos de pesquisa e extensão, que ao longo dos últimos 4 anos

¹ Professora do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá - haracenko@gmail.com.

² Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá - debora-molinari-19@hotmail.com.

³ Agrônoma vinculada ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST - soarese1@hotmail.com.

⁴ Epígrafe citada na abertura da obra: KROPOTKIN, Piotr. **Ajuda Mútua:** um fator de evolução. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009.

estiveram vinculados ao Programa Universidade Sem Fronteiras da Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Estado do Paraná - SETI, cujo título principal é: “A Geografia das lutas no campo: apoio à criação, consolidação e manutenção da rede de agroecologia nos assentamentos do Noroeste do Paraná”. Nesse ano de 2017, o projeto maior se encontra em sua terceira fase de desenvolvimento e acrescentamos a ele o subtítulo: “um olhar para o camponês como guardião das sementes crioulas”, por ser o resgate de sementes crioulas junto aos camponeses o elemento fundamental que permitiu a criação de um banco de sementes denominado “Secrioulas” e, com ele, a sustentação dessa rede.

Cabe ressaltar que ao longo desse período a equipe tem trabalhado na consolidação da Rede de Agroecologia, unindo a pesquisa, extensão e ensino. Quanto a sua localização geográfica, o projeto abrange a região noroeste paranaense abarcando a Microrregião Geográfica de Paranavaí, tendo em vista que os municípios que ali se localizam possuem grande quantidade de assentamentos resultantes da luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST. A figura abaixo, mostra a localização da área de estudo.

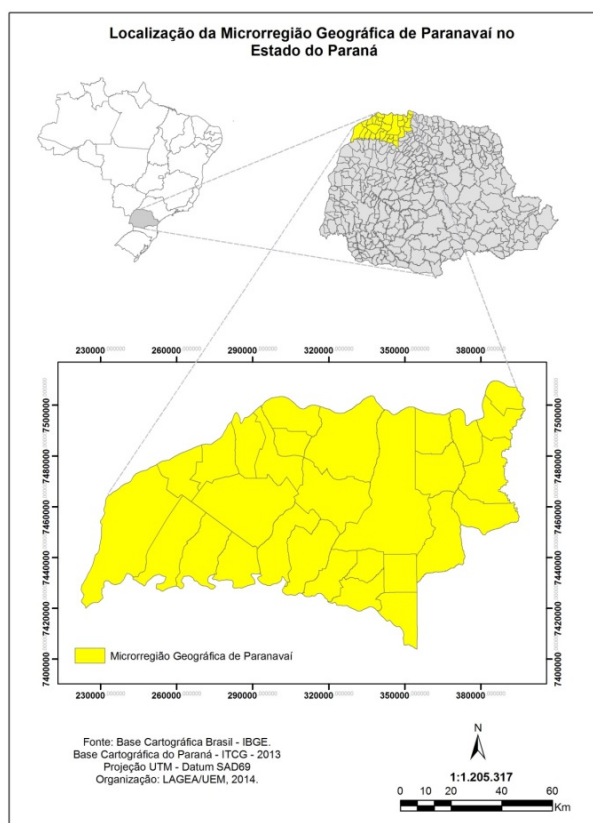


Figura 1 – Localização da Microrregião de Paranavaí

Dito isto sobre o projeto, cabe aqui salientar que a metodologia utilizada durante o período do desenvolvimento das fases do projeto tem tido importância fundamental para o êxito do mesmo. Essa ação metodológica tem sido denominada de Metodologia Coletiva de Ações Participativas e trocas de experiências e saberes, portanto, ela passa a ser - enquanto um recorte do assunto abordado no projeto - o princípio norteador da discussão aqui proposta, evidentemente que do ponto de vista e sob o “olhar” da Geografia enquanto arcabouço científico no trato direto com a práxis camponesa.

O desenvolvimento dos projetos que originaram a Metodologia Coletiva de Ações Participativas no Noroeste do Paraná

Neste item, procuraremos abordar o contexto histórico dos projetos que contribuíram para o desenvolvimento da metodologia abordada nesse texto. Desta maneira, cabe salientar que a região Noroeste do estado do Paraná, possui uma singularidade no contexto da questão agrária paranaense, singularidade esta, iniciada na década de 1990 com a luta pela terra até atualidade, com a luta na terra. Ao longo dos anos de 1990, esta região, passou por um longo e intenso processo de batalha pela terra, realizada pelos camponeses agricultores, que resultou em vários assentamentos de Reforma Agrária. Embora esse grande número de assentamentos tenha mudado os aspectos regionais de poucas e grandes propriedades para inúmeras pequenas propriedades camponesas que contribuíram para o desenvolvimento regional, a realidade dos assentamentos nessas primeiras décadas do século XXI ainda tem seus percalços e suas dificuldades.

Desta maneira, ao longo desses anos, os camponeses assentados tem buscado estratégias de desenvolvimento para superar os obstáculos de manutenção produtiva de seus lotes e ao mesmo tempo, procurado contribuir para o desenvolvimento de uma economia local, que antes da entrada do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - MST - em vários municípios - encontrava-se estagnada, uma vez que estes possuíam uma população urbana relativamente pobre, comércio pouco desenvolvido e uma indústria quase que inexistente.

É, pois nesse contexto dessa realidade regional, que os camponeses tem buscado políticas públicas e contado com projetos de pesquisa e de extensão de pesquisadores que procuram apoiá-los no desenvolvimento de seus assentamentos no sentido de buscar alternativas produtivas diferenciadas da produção convencional, procurando incentivar o

apoio a uma agricultura agroecológica. Diante disto, de troca de saberes e de experiências coletivas e de apoio a agricultura familiar camponesa - entre pesquisadores voltados para a questão agrária e assentados - que as experiências desenvolvidas nos projetos abaixo tem dado bons resultados.

Dito isto, salientamos que a partir dos anos de 2013, começamos a trabalhar em projetos de extensão, envolvendo a região Noroeste do Paraná, cuja base primeira do nome é a “Geografia das lutas no campo”, visto que “o olhar” das equipes envolvidas nos projetos, sempre foi a partir da Geografia, procurando perceber e entender aquele território, bem como, o camponês como um sujeito capaz de agir e de transformar a realidade que lhe envolve. Levando em consideração que a Geografia é a ciência que tem por mérito estudar as relações entre a sociedade e a natureza e, neste papel que lhe é pertinente, Andrade, (2006, p. 30) nos diz:

Cabe à Geografia, estudando as relações entre a sociedade e a natureza, analisar a forma como a sociedade atua, criticando os métodos utilizados e indicando as técnicas e as formas sociais que melhor mantenham o equilíbrio e o bem-estar social. Ela é uma ciência eminentemente política, no sentido aristotélico do termo, devendo indicar caminhos à sociedade, nas formas de utilização da natureza. Daí admitirmos que a Geografia é eminentemente uma ciência social, uma ciência da sociedade.

Desta maneira, na primeira fase do projeto, trabalhamos junto aos camponeses com o apoio à produção de arroz ecológico e resgate de sementes crioulas como elementos primordiais do desenvolvimento territorial sustentável dos assentamentos. A partir disto, conseguimos criar uma Rede de Agroecologia, envolvendo camponeses, pesquisadores e Empresas de Assistência Técnica Rural - ATER - bem como, outras parcerias de experiências de agroecologia atuantes no contexto regional. Nesse sentido, considerando o aspecto social e político que a rede possui - pelas pessoas que a frequentam e pelos seus valores nela depositados - passamos a entendê-la como um suporte necessário para a troca do conhecimento e de experiências entre os camponeses e os pesquisadores atuantes.

Assim com a rede criada, nossos empenhos precisariam ser empreendidos no fortalecimento para a consolidação dessa rede. Nesta etapa o objetivo dos envolvidos nessa rede de agroecologia voltou-se ao levantamento e resgate das sementes crioulas, pautados na valorização do conhecimento tradicional e na defesa da variabilidade genética vegetal. Assim, focamos nossos esforços para a formação de um banco de sementes crioulas e, com isso numa segunda fase do projeto, no ano de 2015, trabalhamos no o apoio à consolidação da rede de

agroecologia nos assentamentos da região abordada. Diante disto, a premissa desses projetos foram o fortalecimento e a cooperação agrícola camponesa pois eles - os camponeses - tem trabalhado na concretização de uma produção em relação contraditória ao modelo dependente de agrotóxicos, garantindo assim o apoio a agricultura familiar, a agroecologia e a soberania alimentar das famílias assentadas envolvidas no projeto.

No ano de 2016, o projeto já tendo consolidado seu primeiro nome como “A geografia das lutas no campo”, visto que realmente o olhar geográfico tem - ao longo dos anos de trabalho - nos permitido ver a transformação territorial em decorrência de nossas ações naquela região e, já com a Rede de Agroecologia consolidada, essa nova fase, traz como elemento fundamental e novos desafios apoio à manutenção dessa rede nos assentamentos. Todavia, o projeto passa a ter uma nova prioridade que é o “olhar para o camponês como guardião das sementes crioulas”.

Ressaltamos que ao longo dos anos de trabalho, notamos que os debates sobre a problemática ambiental dentro do processo de reforma na agricultura brasileira - principalmente na agricultura camponesa - têm aumentado nos últimos anos e, essa preocupação ganhou seu merecido destaque nos movimentos sociais, nas discussões acadêmicas e na produção científica, que evidenciam a importância da relação da agricultura com o ambiente ecologicamente equilibrado e, evidentemente junto aos camponeses assentados advindos do MST.

Essa é uma bandeira de luta abraçada, sobretudo pelos movimentos sociais e desenvolvida pelo Brasil afora, igualmente, pelos camponeses da área em estudo. Em resumo, nos primeiros projetos desenvolvidos nessa região, trabalhamos para criar e, na medida dos nossos esforços coletivos, consolidar entre os camponeses assentados da Reforma Agrária, a Rede de Agroecologia do Noroeste do Paraná. A base que sustenta essa Rede de Agroecologia, na qual os nossos esforços estão focados, tem sido o apoio à produção do arroz ecológico e o resgate de sementes crioulas entre os camponeses, bem como a criação do banco de sementes como elementos primordiais e bases sólidas daquilo que consideramos nosso trabalho em rede. A foto abaixo mostra parcialmente, o banco de semente coletadas e identificadas.



Figura 2 - Parte do Banco de Semente Secrioulas
Fonte: Acervo do projeto na fase II.
Data da foto: 19-07-2016.

Cabe salientar que ao iniciarmos nossos trabalhos de resgate de sementes junto aos assentados, percebemos que os camponeses são guardiões das sementes crioulas ou próprias. Dito isto, queremos dizer que *a priori* achávamos que não iríamos encontrar muitas espécies. Entretanto, quando o trabalho começou percebemos que o camponês do Noroeste é um guardião de um patrimônio precioso que são as sementes, sendo que na maioria dos casos encontrados, elas são guardadas em garrafas pets, única e exclusivamente para o seu plantio. Porém muitos deles ainda não se deram conta da importância da troca para que muitas sementes raras, não venham a desaparecer. Isso reforçou a ideia de que “o caminho só se faz ao caminhar”. Com isso, nos últimos anos, o maior desafio que temos percebido é o da produção agroecológica, pois muitos camponeses querem trabalhar e cultivar a terra na contradição colocada pela lógica do agronegócio, pois sendo uma lógica perversa que visa apenas o lucro não tem responsabilidade com os impactos ambientais que o seu tipo de cultivo causa.

É na contramão dessa lógica que procuramos trabalhar, isto é, na troca de experiências e de apoio a agricultura familiar - entre pesquisadores voltados para a questão agrária e assentados - que temos nos esforçado para tentarmos consolidar a Rede de Agroecologia. Dito isto a despeito dos projetos e, antes de desenredar o motivo de utilizar Ações Participativas e Trocas de Experiências como metodologia específica neles trabalhados, faz-se necessário uma explanação a respeito do que vem a ser a metodologia.

Entendo a metodologia

Enquanto pesquisadores responsáveis e comprometidos com o conhecimento científico, faz-se necessário que todo o estudo seja embasado em concepções e referenciais metodológicos, para só assim ser validado como material científico. Dito isso, algumas ponderações a respeito de metodologia estão relatadas a seguir. Neste sentido, Morães e Costa (1993) afirmam que: “é a opção metodológica que delinea aquilo que será o ‘pensamento geográfico’ vinculado à concepção em construção, dando também os elementos para a sua leitura”.

Dentro do contexto de compreender a metodologia, cabe a diferenciação de método de interpretação e método de pesquisa, uma vez que ambos possuem características diferentes. Morães e Costa (1993, p.27), afirmam que o método de interpretação “diz respeito à concepção de mundo do pesquisador, sua visão da realidade, da ciência, do movimento etc. É a sistematização das formas de ver o real, a representação lógica racional do entendimento que se tem do mundo e da vida”. Já o método de pesquisa, “refere-se ao conjunto de técnicas utilizadas em determinado estudo. Relaciona-se, assim, mais aos problemas operacionais da pesquisa que a seus fundamentos filosóficos” (MORÃESE COSTA, 1993, p. 27). Entendemos assim, que o primeiro faz relação aos ideais e as bagagens pessoais e particulares do investigador, sua interpretação do espaço no qual está inserido, seja sobre economia, política e outras visões do mundo que o cerca. Em contrapartida, o método de pesquisa, não tem relação direta com as características do cientista e sim com a maneira em que a pesquisa será realizada, ou seja, o conjunto das técnicas e à operacionalização da pesquisa. Maria Isaura de Queiroz (1991, p. 27) relata que:

O termo ‘metodologia’, tem sido muito empregado nas ciências sociais para designar a totalidade dos procedimentos de investigação e das técnicas, utilizadas numa pesquisa, numa disciplina, ou numa ciência: com tal significado, nada mais é que um nome a designar o conjunto de instrumentos empregados para resolver um problema, para esclarecer uma questão, para chegar a uma descoberta. Assim entendido, ficam praticamente excluídas de seu âmbito as preocupações com os fundamentos, o valor, o alcance desses instrumentos, e também com a posição do pesquisador diante do objeto de estudo.

Entende-se então que a metodologia é o estudo sobre qual caminho escolher, qual maneira proceder a fim de atingir objetivo e embasar o desenvolvimento de seu trabalho, “em

lugar de estar orientada por normas ou por valores ideais, estaria orientada pela própria práxis, isto é, pela ação do cientista sobre a realidade”. (QUEIROZ, 1991, p. 27).

É, neste sentido, que o conceito de metodologia está sendo empregado no projeto, todavia - é importante frisar - que é o uso de uma metodologia coletiva de ações participativas e trocas de saberes e experiências entre pesquisadores e camponeses que a práxis tem se concretizado. Também vale ressaltar que essa metodologia usada na construção da rede de agroecologia, do ponto de vista geográfico, trata-se de uma excelente via de trabalho, uma vez que o mundo na atualidade está conectado em rede e, tais redes, permitem o fluxo das atividades humanas e, conseqüentemente o seu desenvolvimento.

Conforme destaca Dias (2007, p. 16), a palavra rede "provém do latim *retis* e aparece no século XII para designar o conjunto de fios e nós entrelaçados, linhas e nós". Dentro desse contexto, é a ideia de rede social que é preciso ressaltar, assim Warren (2007, p. 29), diz que: "Dentro desse emaranhado de ideias, pode-se destacar duas vertentes principais, em seus primórdios: uma que buscava na noção de rede uma explicação para a estrutura social (.....) e outra que encontrava nesta noção uma forma para descrever as relações sociais primárias do cotidiano". No caso do Noroeste do Paraná, o trabalho tem sido realizado entre grupos de famílias assentadas, coletivos que seguem e apoiam a rede de agroecologia e, neste sentido, o conceito de rede mencionado, até então tem viabilizado esse trabalho, pois são através das relações sociais, entre camponeses assentados que a troca de saberes e de experiências agroecológicas tem acontecido.

Vale ressaltar que ao longo do desenvolvimento dos projetos que conseguimos concretizar na região estudada, tendo como foco os propósitos acima já descritos, desde o seu princípio, as equipes que passaram por eles trabalharam procurando dar ênfase a essa metodologia, a qual tem tido o seguinte encadeamento:

- Realização dos trabalhos de campo nos assentamentos do Noroeste contendo visitas e reuniões periódicas, tendo por finalidade um levantamento do processo produtivo e se há nos assentamentos uma preocupação comum produção ecológica que vise um desenvolvimento sustentável regional. Ou seja, nossa busca por camponeses para aderir à rede é constante.
- Trabalho em parcerias envolvendo a comunidade assentada, o Centro de Pesquisas e Estudos Ernesto Guevara - CEPAG, as escolas do Campo, Centrão e Chico Mendes, igualmente os extensionistas locais para apoiarem as ações do projeto nos assentamentos.

A foto abaixo mostra os primórdios de uma metodologia que começava a se delinear, envolvendo a discussão coletiva e as ações participativas.



Figura 3 - Primeira reunião com as lideranças do Noroeste para a apresentação da proposta do projeto.

Fonte: Acervo do projeto.

Data - 14-09-2013

Diante do avançar dos projetos, convém destacar que foi criado um Grupo Gestor da Rede de Agroecologia do Noroeste. Esse grupo gestor foi constituído na primeira fase do projeto e consiste em reuniões de pesquisadores e representantes dos assentados, em que nelas, de forma coletiva, tomamos decisões sobre os problemas e dificuldades pontuais encontradas na rede e, ali, procuramos solucionar tais problemas e repassar nos seminários camponeses. A foto abaixo mostra o grupo gestor da rede reunido para o desenvolvimento dos trabalhos.



Figura4 – Reunião do Grupo Gestor da Rede de Agroecologia do Noroeste
Fonte: Acervo do projeto na fase II.
Data da foto: 29-09-2015.

Nesses seminários reunimos todos os assentados e ali, as decisões coletivas, referentes às ações da rede são definitivamente tomadas. As fotos são importantes exemplificadoras da coletividade, participação e trocas de saberes e experiências.



Figura 5- Segundoseminário camponês
Fonte: Acervo do projeto.
Data - 05- 04-2014

Dito isto, salientamos que tem sido na troca de experiências, de conhecimentos e de apoio à agricultura familiar camponesa agroecológica entre pesquisadores voltados para a questão agrária e camponeses assentados que estes projetos tem se pautado, isso ocorre no processo dialógico do ato de conhecer, pois como salienta Paulo Freire (1979, p. 27):

Conhecer, na dimensão humana, que aqui nos interessa, qualquer que seja o nível em que se dê, não é o ato através do qual um sujeito, transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que outro lhe dá ou impõe. O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato de mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato. Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer.

Com isso, a premissa desses projetos tem sido o fortalecimento e a cooperação agrícola camponesa, pois, temos aprendido em conjunto, que há possibilidades alternativas concretas de produção em relação ao modelo dependente de agrotóxicos, que podem garantir através da agroecologia a soberania alimentar das famílias assentadas envolvidas no projeto. Assim a proposta inserida neste trabalho vê na agroecologia, uma forma de desenvolvimento territorial para os assentamentos.

Diante da força do agronegócio atualmente, os camponeses, que detêm pequenos lotes rurais, já perceberam que produzir, e acima de tudo, produzir com bases ecológicas é uma saída para que eles sobrevivam, além do quê, o resgate das práticas de troca experiências e de saberes enfatiza a importância dos camponeses como atores principais de transformação social, que deve se dar a partir da sua participação ativa nos processos de diagnósticos, planejamentos e implantações de ações. Além disso, igualmente o conhecimento tradicional e local não só passa a ser valorizado, como é visto como potencial endógeno que influencia a implementação de tecnologias alternativas (CAPORAL, 2009⁵ *apud* CANOSA, 2016, p. 27).

Outro elemento importante de um trabalho que permite a coletividade dos seus membros, conforme salienta Canosa (2016, p.30) “pode-se dizer que a participação é um processo dinâmico e não linear de empoderamento, mediante o qual os atores envolvidos podem ter menor ou maior grau de participação”. Todavia a palavra empoderamento é o cerne da questão, pois a comunidade se fortalece no processo de ajuda mútua.

O debate sobre a metodologia coletiva de ações participativas e a ajuda mútua

O limite desse item do texto se dá, na linha de entendimento, que não se separa a discussão teórica da prática que acontece na busca do aprendizado sobre a metodologia

⁵CAPORAL, F. R (Coord.). **Extensão rural e agroecologia**: temas sobre um novo desenvolvimento rural, necessário e possível. Brasília, 2009.

coletiva que envolve a participação dos sujeitos na busca de um ideal comum. É bem verdade que muitos teóricos tem se dedicado ao estudo e a análise da metodologia participativa, enquanto uma ferramenta de entendimento da práxis atuante dos pesquisadores extensionistas no ato de seus trabalhos junto às comunidades. Todavia é na obra de Piotr Kropotkin intitulada: “Ajuda Mútua: um fator de evolução” que vamos aqui fundamentar o edifício conceitual do entendimento daquilo que construímos enquanto nossa metodologia. Portanto, o debate principal em que consiste essa análise está baseado na ajuda mútua como um elemento que contribui na evolução da agricultura camponesa voltada para a agroecologia.

O conceito de metodologia participativa é citado por diversos teóricos, os quais o colocam de formas diferenciadas, mas tendo todos eles, um sentido comum que tem como foco a participação dos sujeitos sociais no processo de transformação de uma dada realidade. Canosa (2009, p. 31) citando (Kummer 2007, p.67)⁶ salienta que para este, o termo metodologia participativa se refere a um "conjunto de métodos com características semelhantes usados para atingir o mesmo objetivo, baseado no princípio fundamental da participação". Portanto convém destacar que mesmo sobre o triunfo de uma sociedade industrial, que procurou esfacelar a lógica de cooperação, de apoio coletivo e de ações participativas, pregando o individualismo, essa característica do apoio entre a humanidade permaneceu, principalmente entre os pobres. Entre os camponeses a coletividade e o apoio mútuo sempre fizeram parte do elemento cultural dessa classe.

Kropotkin (2009, p. 182) em sua obra destaca que “Homens “práticos” e teóricos, cientistas e pregadores, advogados e políticos, todos concordam em uma coisa: que o individualismo pode ser mais ou menos abrandado pela caridade em seus efeitos mais deletérios, mas é a única base segura para a manutenção da sociedade e de seu progresso”. Naquele contexto em que o autor escrevia a obra, de nascimento de uma sociedade “moderna e industrializada”, no auge do desenvolvimento do modo capitalista de produção, segundo ele (2009, p. 182), “Portanto, pareceria inútil procurar instituições e práticas de ajuda mútua na sociedade moderna. O que pode ter restado delas?” Entretanto,

Mas, assim que procuramos descobrir como vivem os milhões de seres humanos e começamos a estudar suas relações cotidianas, ficamos impressionados com o enorme papel que os princípios de ajuda e de apoio mútuos desempenham hoje em dia na vida humana. Embora a destruição das instituições de ajuda mútua já esteja

⁶KUMMER, L. **Metodologia participativa no meio rural**: uma visão interdisciplinar - conceitos, ferramentas e vivências. Salvador-BA: GTZ, 2007..

ocorrendo há três ou quatro séculos, na prática e na teoria, ainda há centenas de milhões de homens vivendo sob suas formas, mantendo-as devotadamente e empenhando-se em reconstituí-las onde elas deixaram de existir. (KROPOTKIN, 2009, p.182).

As relações de apoio e ajuda mútua, sempre estiveram presentes no desenvolvimento da sociedade, sem ela própria sociedade humana não poderia ser mantida ao longo de uma única geração. Isso é fato, principalmente na classe camponesa inserida no interior do modo capitalista, se levarmos em conta, que o avanço e o desenvolvimento desse sistema, sempre manteve os camponeses em um processo de exclusão, principalmente exclusão ao acesso à propriedade da terra.

Sempre foi lutando contra a exclusão que nem é preciso dizer que grande número de hábitos e costumes de ajuda mútua persistiu desde os tempos imemoriais no cotidiano camponês, no plantio, nas colheitas, no uso de seus instrumentos de trabalho e nos festejos. Esses hábitos de apoio mútuo -dos quais muitos outros exemplos podem ser dados -explicam indubitavelmente a facilidade com que os camponeses enfrentaram a resistência para manter o seu modo de vida ao longo de sua história. Numa citação escrita a bem mais de cem anos atrás, nos parece feita para a sociedade contemporânea. Assim diz Kropotkin (2009, p. 193).

Do ponto de vista da economia social, todos esses esforços dos camponeses são por certo pouco importantes. Eles não conseguem aliviar muito e, e menos ainda de forma permanente, a miséria à qual estão condenados os agricultores de toda a Europa. Mas, do ponto de vista ético, que estamos considerando agora, sua importância não deve ser subestimada. Provam que, mesmo sob o temerário sistema individualista que prevalece agora, as massas agrícolas mantêm devotadamente sua herança de apoio mútuo; e, tão logo os Estados relaxam as leis de ferro por meio das quais têm quebrado todos os vínculos entre os homens, estes são imediatamente reconstituídos, apesar das dificuldades políticas, econômicas e sociais, que são muitas, e de modo a responder melhor às exigências da produção moderna. Esses vínculos indicam em que direção e de que forma esperar o progresso ulterior.

Igualmente nessa outra citação o autor afirma.

O mesmo se aplica ao nosso mundo civilizado. As calamidades naturais sociais vêm e passam. Populações inteiras são periodicamente reduzidas à miséria ou à fome; as próprias fontes da vida são destruídas entre milhões de homens, reduzidos à pobreza da cidade; a compreensão e os sentimentos de milhões são viciados pelos ensinamentos destilados em favor de uma minoria. Tudo isso certamente faz parte de nossa existência. Mas o núcleo das instituições, os hábitos e costumes de ajuda mútua, estes permanecem vivos entre milhões, mantendo-os todos juntos, e eles preferem aderir a seus costumes, crenças e tradições a aceitar o ensinamento de uma guerra de cada um contra todos, que lhes é apresentado como ciência, mas que de ciência não tem nada. (KROPOTKIN, 2009 p. 199).

Dito isto, é sempre importante lembrarmos que na história do Brasil, os movimentos sociais de luta pela terra, sempre tiveram em suas metodologias coletivas de ações participativas o veio da ajuda mútua. Numa atualidade que remete a atual conjuntura de falta de apoio à classe trabalhadora, esta encontra nas ações participativas uma saída para enfrentar os desafios de sobrevivência e é por isso que a história da sociedade está cheia de trabalhos que envolvem coletividades e ações participativas, que vão do rural ao urbano, das micro as macros escalas sociais. Apesar disso, na atualidade, é na organização da sociedade na “Frente Brasil Popular” que em escala nacional integra o esforço coletivo popular visando à unificação das forças democráticas para uma mudança social que vise à igualdade da sociedade.

Assim, vimos que o grande êxito dessa metodologia que envolve a participação de todos e as ações de coletividade é que ela está proporcionando desafios aos camponeses do Noroeste do Paraná, os quais estão inteiramente ligados ao planejamento e a gestão do território camponês, em que nele os agricultores são mandatários de todo o processo. Importante ressaltar também que do ponto de vista econômico três questões comprovam a viabilidade do desenvolvimento da Rede de Agroecologia de posse da metodologia aqui abordada no ato da produção ecológica: primeiro; os custos são inferiores ao convencional, segundo; os camponeses são detentores do seu conhecimento e dominam todo o processo da cadeia produtiva e terceiro; o mercado privilegia a produção ecológica. Como o grupo envolvido na rede tem uma dimensão ética - pois produz um alimento sadio e não abre mão de controlar todo o processo produtivo - tem como meta a garantia do desenvolvimento territorial camponês e a soberania alimentar local e regional.

A título de algumas considerações

A título de considerações deste ensaio, podemos destacar que os trabalhos desenvolvidos tendo como base a metodologia coletiva de ações participativas nos espaços comunitários reforçam laços de convivência e reavivam a história territorial do agricultor familiar camponês, uma história semeada pelos seus antepassados e reproduzida nos lugares pelas novas gerações. Com esses projetos, tanto nas discussões e orientações teóricas quanto nas práticas, temos procurado valorizar o emprego dos conhecimentos camponeses acumulados, as potencialidades ecológicas e socioculturais da região. É fato que a mobilização de forças socialmente ativas de camponeses, jovens, consumidores, pesquisadores, representantes

públicos consolida a identidade camponesa, estimula dinâmicas de pertencimento ao território ou, melhor, legitima o direito ao território e faz frente à desterritorialização promovida pelo agronegócio. Porém, a autonomia camponesa e, a formação de redes sociais, desvinculadas da dependência racionalidade material capitalista, converge na gestão e tradução de projetos próprios e locais, estratégicos, sobretudo éticos, fundados na sociabilidade e resistência, balizados em métodos de trabalhos criativos e eficientes, na gestão de redes que atendam às necessidades humanas, conservam e melhoram os recursos naturais, economicamente viáveis e socialmente justos.

Eis a nossa contribuição ao debate...

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia ciência da sociedade**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

CANOSA, Gabriela Arruda. **Proposta metodológica para planejamento participativo de sistemas agroflorestais junto a agricultores(as) familiares**. 2016. 229 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Laranjeiras do Sul, 2016.

DIAS, Leila Christina. ‘Os sentidos da rede’. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (Orgs). **Redes, sociedades e territórios**. 2 ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

KROPOTKIN, Piotr. **Ajuda Mútua: um fator de evolução**. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009.

MACHADO, Luiz Carlos Pinheiro; FILHO, Luiz Carlos Pinheiro Machado. **A dialética da agroecologia: contribuições para um mundo com alimentos sem veneno**. São Paulo: Expressão popular, 2014.

MENDRAS, Henry. **Sociedades Camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MORÃES, Antonio Carlos Robert; COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia crítica: a valorização do espaço**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A geografia das lutas no campo**. 6ed. São Paulo: Contexto, 1994.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T.A. Queiroz editor, 1991.

VIONE, Gilmar Francisco. **Metodologias participativas na construção de planos de desenvolvimento local**. 2002. 47 f. Monografia. (Pós-graduação Lato Sensu em

Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, Seropédica, 2002.

WARREN Ilse Scherer. 'Redes sociais: trajetórias e fronteiras'. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (Orgs). **Redes, sociedades e territórios**. 2 ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007.